

Grupos de corrida do distrito do Porto-Portugal: mapeamento e considerações sobre o correr em grupo

Porto-Portugal district racing groups: mapping and considerations on group running

Grupos de corredores en el distrito de Porto-Portugal: mapeo y consideraciones sobre correr en grupo



Mônica Benfica Marinho

Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, Bahia, Brasil

E-mail: monica.benfica@uol.com.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar um mapeamento dos grupos de corrida de rua do distrito do Porto, em Portugal. Busca vincular esse mapeamento ao âmbito da história da corrida de rua, fazendo considerações acerca da condição de superar-se, e do “olhar do outro”. Reflete sobre como o desejo de superação e do “olhar do outro” atuam na performance dos(as) corredores(as). Destaca os eventos de corrida como constitutivos da prática dos grupos. Compõem a metodologia a Pesquisa Documental, que tem como fonte sites e sites de redes sociais, associada à técnica da observação de espaços urbanos onde se concentra a prática da corrida de rua. Conclui que o pertencimento a grupos de corrida de rua é fator de propulsão da prática.

Palavras-chave: Corrida de rua. Grupo de corrida. Pertencimento. Superação.

Abstract: This paper aims to present a mapping of street running groups in the district of Porto, in Portugal. It seeks to link this mapping to the scope of the history of street running, making considerations about the

condition of overcoming oneself, and the “look of the other”. It reflects on how the desire to overcome and the “look of the other” act in the performance of the runners. It highlights running events as constitutive of groups’ practice. The methodology comprises documental research, which has as its source websites and social networking sites, associated with the technique of observing urban spaces where the practice of street running is concentrated. It concludes that belonging to street running groups is a driving factor for the practice.

Keywords: Street running. Running groups. Belonging. Resilience.

Resumen: El objetivo de este artículo es presentar un mapeo de los grupos de corredores callejeros en el distrito de Porto, Portugal. Pretende vincular este mapeo a la historia de las carreras de calle, haciendo consideraciones sobre la condición de superación de uno mismo, y la “mirada del otro”. Reflexiona sobre cómo el deseo de superación y la “mirada del otro” actúan sobre el rendimiento de los corredores. Destaca los acontecimientos de la carrera como constitutivos de la práctica de los grupos. La metodología está compuesta por la Investigación Documental, que tiene como fuente sitios web y de redes sociales, asociada a la técnica de observación de los espacios urbanos donde se concentra la práctica de la carrera callejera. Concluye que la pertenencia a grupos de carrera es un elemento impulsor de la práctica.

Palabras clave: Carrera callejera. Grupo de corredores. Pertenencia. Superación.

Submetido em: 2021-05-05

Aceito em: 2022-03-11

Introdução

Neste trabalho¹ apresento um panorama da corrida de rua organizada em grupo no Distrito do Porto, em Portugal², e discuto o fenômeno de se correr em grupo — prática que é parte do desenvolvimento da corrida de rua, que se inscreve na dinâmica global do desenvolvimento do esporte de lazer. É um desdobramento de trabalhos anteriores, nos quais me dediquei a pensar sobre o fenômeno³, e se inscreve no campo da Sociologia do Esporte.

O desenvolvimento da metodologia é composto pelo método da Pesquisa Documental, que teve como fontes sites e sites de redes sociais⁴ e, também, pela técnica da observação simples⁵. A técnica foi utilizada para o primeiro momento do trabalho, que foi exploratório, quando, durante dois meses, frequentei espaços de corrida no Distrito do Porto. A partir daí, os dados foram obtidos com a Pesquisa Documental. Observei dois Concelhos do Distrito do Porto⁶, Concelhos do Porto e de Matosinhos, que se caracterizam por uma vida urbana e onde se pode desfrutar da orla do mar e da orla do rio Douro, que tem sua foz no Porto, além do Parque da Cidade. Estes são locais com grande concentração de corredores(as).

Chamou minha atenção o fato de nos dois Concelhos do Porto e Matosinhos não serem tão visíveis, como no Brasil, grupos de corrida que invadem nosso olhar. Invadem pela maneira como se

1 O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

2 Desenvolvi a investigação na condição de pós-doutoranda, vinculada ao Centro de Formação, Inovação e Intervenção em Desporto da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto no período de agosto de 2019 a julho de 2020.

3 “A constituição dos grupos de corrida de rua da cidade de Alagoinhas e a configuração de identidades”; e “Práticas institucionais e a condição de superar-se: um estudo sobre grupo de corrida de rua”.

4 Recuero (2017) se refere a denominação “site de rede social” como ferramentas que disponibilizam publicamente redes sociais. Chama atenção que “Embora seja senso comum referirmo-nos às ferramentas sociais digitais, tais como o Facebook, Twitter, Orkut etc. [...] como redes sociais, o conceito de rede social [...] não é sinônimo delas[...] o Facebook por si só não apresenta redes sociais. É o modo de apropriação que as pessoas fazem dele que é capaz de desvelar redes que existem ou que são baseadas em estruturas sociais construídas por essas pessoas [...] uma vez que passem a usar o Facebook, os atores criarão ali redes sociais que passarão a ser exibidas por ele. [...] As redes sociais na internet não são iguais, assim, em sua constituição, manutenção e publicação, às redes sociais offline. São outro fenômeno, característico da apropriação dos sites de rede social” (RECUERO, 2017, p. 23-25).

5 De acordo com Gil (1989) “[...] é muito útil quando dirigida ao conhecimento do fato ou situações que tenham um caráter público. [...] é, pois, muito apropriada para dar o estudo das condutas mais manifestas das pessoas na vida social, tais como hábitos de compra, de vestuário, de convivência social, de frequência a lugares públicos etc. [...] Como a observação simples é utilizada frequentemente em estudos exploratórios, onde os objetivos não são claramente especificados, pode ocorrer que o observador sinta a necessidade de redefinir seus objetivos ao longo do processo” (GIL, 1989, p. 116-117).

6 O Distrito do Porto é composto por 18 Concelhos, sendo o Concelho do Porto a capital do Distrito.

dispõem nos espaços públicos das cidades, que são apropriados como “espaços bom para correr” ou espaços possíveis, destacando-se pela camiseta, geralmente chamativa, que serve como identificação do grupo.

Na cidade corro pelos espaços “bons para correr”, ando pelas ruas da cidade e fico na expectativa de que um grupo passe por mim ou eu por ele. Vejo, sim, pessoas correndo aos pares ou sozinhas, o que já se tornou parte da paisagem das cidades pelo mundo afora, mas não encontro um indicativo de que se trata de um grupo organizado, sistematizado.

As publicações em sites que têm como conteúdo corrida de rua em Portugal, em especial no Porto, e fazem referência a grupos de corrida, levam-me a deslocar o olhar da paisagem para essas publicações. Encontrei, para minha alegria, o site *correrporprazer*⁷, cujo conteúdo é a corrida de estrada⁸ e *trail*. Contrariando minha percepção, o site apresenta uma lista de grupos de corrida no Porto. A partir dessa relação, investiguei a existência de página desses grupos na internet e suas presenças nos sites de redes sociais. A partir do conteúdo do site *correrporprazer*, obtive informações sobre o número de participantes, ano de fundação, local e dias dos treinos, tipo de treinos, em relação a cada grupo.

Buscando complementar as informações do site, acessei todos as páginas do Facebook de cada um dos grupos. Com base nas publicações, pude verificar se estão ativos ou não, o formato de sua organização, os tipos de treinos dos grupos, se participam de eventos, se fazem confraternizações, se são frutos de iniciativa privada ou pública, e a data do início da publicação no Facebook. A escolha deste site de rede social se deu em função de ser a rede majoritariamente utilizada pelos grupos. Além disso, ela permite verificar a dinâmica dos grupos com base nas imagens e mensagens de seus membros e serve ao objetivo inicial deste trabalho — apresentar um mapeamento da corrida de rua organizada em grupos no Distrito do Porto.

7 Disponível em: <http://correrporprazer.com>

8 Em Portugal, a corrida urbana tem a denominação de corrida de estrada

Os grupos de corrida no distrito do porto e as participações em maratonas

No que se refere ao Distrito do Porto, estão listados no site *correrporprazer* cinquenta grupos de corrida distribuídos pelos seus dezoito Concelhos⁹. Selecionei os grupos dos dois Concelhos que já tinham sido o foco da observação, os Concelhos do Porto e de Matosinhos, e obtive um total de 22 grupos. Desse total, dezesseis grupos pertencem ao Porto e cinco a Matosinhos.

Quanto ao ano de fundação, quatro foram fundados entre 1971 e 1990, estando todos ativos: “os Finos” e “Grupo Desportivo Limpeza Urbana”, em 1971; “Grupo Desportivo Recreativo Juventude das Ribeiras”, em 1982; “Clube Veteranos do Porto”, em 1990¹⁰. Três surgem entre 2003 e 2007: Porto Runners e Tugas na Estrada, 2003; Unidos à Fresca, 2007. Os outros dezesseis surgiram entre 2012 e 2018: No Tomorrow Team, 2012; Cães da Avenida, Centro Municipal de Marcha e Corrida do Porto, Urbanoatletas, em 2013; Acadêmico Runners, Invicta Runners, Tartarugas do Asfalto, Team Shark, em 2014; Carapaus, 2015; Salgueiro Runners, 2016; Centro de Marcha e Corrida Põe-te à prova, Pluti Run, Porto City Run, Titan Runners, 2017 e Caminhas ou Corres, 2018. Observa-se, aqui, que o período de 2012 a 2018 foi marcado pelo aumento do número de grupos de corrida nos Concelhos de Porto e Matosinhos. E esse aumento está expresso na participação na Maratona de 2019, como mostro mais adiante.

Dos 22 grupos, nove fazem um treino por semana; um grupo, duas vezes por semana; sete grupos, três vezes por semana; dois grupos, quatro vezes por semana; dois grupos só treinam aos sábados e domingos e um grupo uma vez por mês. Ainda sobre os 22 grupos, quinze se dedicam somente à corrida, enquanto os sete restantes dividem os treinos entre caminhada e corrida. Nos gru-

⁹ Este número é o divulgado no site *correrporprazer.com*. Não significa que não possa haver outros grupos nos Concelhos que foram delimitados para o estudo e que não foram registrados ali. Apesar da possível imprecisão, considero que seja ínfima. Os grupos que abordo neste trabalho tiveram seus registros até o ano de 2018.

¹⁰ Estes grupos vão ter suas publicações no Facebook a partir dos seguintes anos: os “Finos”, 2014; “Grupo Desportivo Limpeza Urbana”, 2015; “Grupo Desportivo Recreativo Juventude das Ribeiras”, 2016; “Clube de Veteranos do Porto”, 2011.

pos com essas duas modalidades, os membros são divididos conforme suas capacidades ou interesses e são acompanhados por um instrutor ou instrutora nas atividades de caminhada e corrida. Quando assim acontece, a caminhada sempre é acompanhada por uma mulher, enquanto a corrida, por um homem. O conteúdo do Facebook é alimentado por essas pessoas que estão à frente dos grupos, ou são responsáveis por eles, ou porque tiveram a iniciativa de sua criação, ou ao longo do tempo assumiram a liderança; ou porque são contratados como técnicos por uma instituição pública. São eles que marcam e acompanham os treinos e divulgam conteúdo nos sites de redes sociais. Percebo que todos os grupos giram em torno de uma ou mais figuras que são centrais e fundamentais para agregar seus membros.

Do total dos 22 grupos, treze são de iniciativa privada e vou chamá-los “grupos independentes”, porque não estão vinculados a nenhuma instituição, não têm taxa anual ou mensal. São pessoas que, simplesmente, encontram-se em determinado período da semana para correr, usam a camiseta do grupo eventualmente nos treinos e quase que obrigatoriamente nos eventos. Não possuem sede, mas pontos de encontro na cidade. É comum se reunirem para confraternizações, em especial grupos com mais tempo de funcionamento, situação que estreita mais fortemente os laços entre os participantes. Os Grupos restantes são formados da seguinte maneira: uma associação, três grupos vinculados a clubes e cinco grupos que vou chamar “públicos”. Os “grupos públicos” fazem parte do Programa Nacional de Marcha e Corrida, que teve início em 2009, em Portugal. Nenhum dos grupos mencionados está organizado como assessoria esportiva, que pode ser definida como um grupo com nomeação e símbolos próprios, em que o responsável ou responsáveis pelo grupo dão orientação e acompanhamentos individuais¹¹ aos seus membros, mediante pagamento de uma taxa mensal. Dias e locais de treinos são bem definidos.

Os dados apresentados a seguir fazem referência ao período delimitado que vai do ano da primeira maratona do Porto, 2004,

¹¹ O acompanhamento é presencial e também realizado através de planilhas, geralmente semanais, que são enviadas aos seus membros (ou clientes).

até o ano de 2019¹². A primeira Maratona do Porto, no ano de 2004, teve 317 participantes, sendo 309 homens e 8 mulheres. Esse número foi aumentando gradativamente ano a ano, e em 2011, 1.086 homens e 93 mulheres estiveram presentes. Num crescendo contínuo, a maratona teve seu auge no ano de 2016, com 4.736 participantes. A partir daí, foi decrescendo e chegou ao ano de 2019 com o número de 3.762 pessoas percorrendo os 42,195 km.

Naquela Maratona de 2004, dos grupos dos Concelhos de Porto e Matosinhos, que registrei em momento anterior, estiveram presentes a Porto Runners¹³, com sete homens e uma mulher, e o Clube de Veteranos do Porto, com dezesseis corredores. Seis anos depois, em 2010, além desses dois grupos, estiveram presentes o Grupo Desportivo Recreativo Juventude das Ribeiras e o Grupo Desportivo Limpeza Urbana, com um participante cada. Nesse ano, a Porto Runners se destacou com 83 atletas, sendo sete deles mulheres e o Clube de Veteranos do Porto participou com 10 atletas. No ano de 2016, aconteceu com o maior número de participantes, desde a primeira edição da Maratona do Porto, e com a presença dos seguintes grupos: Porto Runners (47 atletas), Clube de Veteranos do Porto (21 atletas), Os finos (5 atletas), Cães da Avenida (11 atletas), Invicta Running Team (18 atletas), Tartarugas do Asfalto (11 atletas), Tugas na Estrada (4 atletas), Unidos à Fresca (11 Atletas) e Urbanatletas (3 atletas). Em 2019, o número geral de participantes diminuiu, mas houve um aumento da participação dos grupos do Porto e Matosinhos. Além dos grupos referidos, correram essa maratona de 2019 os grupos Salgueiros *Running*, *Team Shark*, *No Tomorrow Team*, *Titan Runners*, grupos que surgiram entre 2012 e 2017. No total, há treze grupos dos Concelhos de Porto e Matosinhos na Maratona do Porto.

A Maratona do Porto agrega outros dois eventos que acontecem em paralelo: a *Family Race*, hoje com a distância de 15 km,¹⁴

¹² Dados obtidos em <http://www.maratonaporto.com>

¹³ Grupo emblemático do Porto, que está em funcionamento desde 2003. Destacou-se em participações em eventos de corrida no Porto pelo grande número de corredores(as). Ver mais informações sobre o grupo em <http://www.portorunners.com>

¹⁴ A primeira referência à Family Race e à Fun Race data do ano de 2008, mas neste ano não há ainda a divulgação dos resultados da Family Race, que só vai acontecer a partir de 2011. Entre 2008 e 2011, o percurso era de 14 km. Nos anos de 2013 e 2014, 16 km. A partir daí, se instituiu a distância de 15 km que se mantém até hoje. Ver o site <http://www.maratonaporto.com>

e a *Fun Race*, de 6 km, que é um percurso de caminhada não cronometrado, no qual também se pode correr. Sendo o *Family Race* um evento mais acessível, no que tange à exigência do condicionamento físico. Em 2019, a *Family Race* alcançou um número de 2.276, enquanto a Maratona 3.762 atletas. Participaram os grupos Porto Runners (11 atletas); Cães da Avenida, um; Carapaus (2 atletas); *Invicta Runners Team* (3 atletas); *No Tomorrow Running* (2 atletas); *Salgueiro Running* (7 atletas); *Team Shark*, um; Clube Veterano do Porto (22 atletas). Se no ano de 2019 a participação de atletas na Maratona diminuiu, a participação na *Family Race* se manteve estável.

A nomeação, os símbolos utilizados, a vestimenta, o número de participantes, os espaços ocupados para treino, o calendário de treinos, a visibilidade em eventos, a comunicação via redes sociais, as confraternizações são elementos que conformam os grupos de corrida referidos.

Quero agora reportar, de forma breve, o movimento global da corrida de rua, o chamado *Running Boom*, que tem início nos anos 1970. Foi um movimento que se projetou, se espalhou e alcançou os mais distintos grupos e espaços sociais. Deu à prática da corrida uma significação que ampliou o seu sentido. Dotou-a de uma carga psicológica que vai atravessar décadas sendo ressignificada, e chega até nós trazendo noções como “superar-se”, “realizar-se”, “dar um sentido à vida”. Os grupos de corrida que tenho feito referência aqui, que surgem entre 1971 e 2018, inscrevem-se no fluxo desse movimento.

O RUNNING BOOM

Artur Lydiard, Bill Bowman, Phil Knight, Steve Prefontaine, Fred Lebow, Katherine Switzer, Noël Tamini, Dr. Kenneth Cooper, George Shuhan são personagens que trouxeram, com suas ações, sentidos singulares para a corrida de rua. Eles marcaram o que

ficou conhecido como o primeiro *Running Boom*, que vai de 1970 a 1980. É o que mostra Dortier (2016), em sua obra *Après quoi tu cours? Enquête sur la nature humaine*, que tomo como referência nesta seção.

Os métodos de treino de Lydyard, treinador da equipe da Nova Zelândia durante os anos de 1950-1960, permitiram aos atletas que se mantivessem em forma por muitos anos. Ele também instituiu a corrida para pessoas mais velhas — o *jogging* —, quando o esporte era contraindicado para elas. Por sua vez, Bill Bowman, treinador da equipe universitária de Oregon, leva o *jogging* para os EUA, na década de 1960, depois de uma visita à Lydyard. Buscando ainda aumentar o desempenho de seus atletas, começa a produzir tênis especiais em parceria com um de seus estudantes, Phil Knight, que vê aí o potencial de comercialização do calçado esportivo. Bowman e Knight criam a NIKE. Dortier (2016) lembra que o marketing da NIKE é fundado sobre o sucesso dos corredores de Bowman. Entre esses corredores se destaca o carismático Steve Prefontaine, que eleva a corrida a algo além do esporte — ela é um modo de vida, está associada à “arte de viver”. Rebelde, Prefontaine popularizou a corrida de rua, reivindicou melhores condições de vida para os atletas amadores e encabeçou um movimento de rebeldes corredores contra as corridas federadas, participando de corridas não federadas.

Nesse tempo de corredores que vão instaurando tendência contrária ao estabelecido destaca-se Fred Lebow, revitalizador da corrida na costa oeste dos Estados Unidos, que tinha perdido sua popularidade nos fins dos anos 1960¹⁵. Imbuído na revitalização da corrida de rua

15 Essa popularidade está relacionada ao pedestrianismo que [...] é uma prática esportiva muito popular que se desenvolveu na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, no século XIX. Os pedestrianistas eram caminheiros e corredores eméritos que, para impressionar multidões e ganhar, às vezes, uma bela soma de dinheiro, realizavam façanhas incomuns.” (DORTIER, 2016, 57). Ao tratar do desenvolvimento da corrida nos séculos XVII e XIX Garcia (1990) faz referência ao surgimento de um modelo de corredor, o Footman. “[...] a aposta era moeda comum neste período de desenvolvimento da corrida. Com efeito, o dinheiro, verdadeiro leit-motiv de provas sobre distâncias enormes, conseguia reunir dezenas, mesmo centenas de atletas numa prova [...] O objetivo dessas provas, para além do dinheiro, mas que emergia deste, era a vitória. E assim se desenvolveu a corrida até o aparecimento dos cronômetros, por volta de 1731 Este fato inofensivo à primeira vista, veio, a pouco e pouco, revolucionar o conceito de corrida, de competição e de vitória [...] Não basta ganhar ao adversário, correr uma maior distância para afirmação, mas sim medir o tempo demorado numa distância padrão que, a pouco e pouco, se vai institucionalizando. Corre-se tendo como fim uma abstração. Nasce o conceito de RECORD. Assim, a par e no lugar das performances sobre distâncias dignas das actuais ultra-maratonas, tão em voga nessa altura, nasceu o controlo da velocidade máxima sobre distâncias mais curtas e fixas” (GARCIA, 1990, p. 67).

Ele convence seus amigos a organizar uma maratona no Central Park, coração de Manhattan. Em novembro de 1970, 157 corredores partirão e somente 55 cruzarão a linha de chegada diante de uma centena de espectadores. Mas o fenômeno está lançado e não cessará de se ampliar. Em 1976 a prefeitura de New York aceita que a corrida atravesse os cinco quarteirões da cidade. (DORTIER, 2016, p. 95).

A maratona de Nova York se populariza e anima um outro espírito nas competições, porque representa corredores livres e rebeldes que

[...] podem realizar o sonho de se sentir durante um curto momento um verdadeiro herói entre milhares de outros heróis. As verdadeiras estrelas da corrida eram os anônimos do pelotão [...] não se trata mais de correr por um lugar na classificação, mas de concluir uma corrida disputada contra si mesmo [...]. Fred Lebow dava corpo a esta ideia, esperando na linha de chegada para felicitar, pessoalmente, o último participante, o mais valoroso entre todos. Ao *"just do it"* da NIKE respondia *"you dit it"*, acolhendo o corredor na chegada ao Central Park (DORTIER, 2016, p. 93).

Outra mudança vai ser instituída desencadeando transformações no universo das corridas americanas, atingindo o mundo ocidental afora. Trata-se de um ato de coragem que alimentou esse espírito rebelde sobre o qual falei acima só que, dessa vez, protagonizado por uma mulher — Katherine Switzer —, na icônica maratona de Boston, que acontece desde 1897, e interditava a participação de mulheres. Mas o ano de 1967 foi um marco, porque Katherine Switzer, então com vinte anos, conseguiu se inscrever na maratona de Boston sem indicar seu nome feminino. Foi descoberta durante a corrida e um dos organizadores tentou tirá-la à força, sendo impedido. A cena foi imortalizada pelos registros fotográficos e pela difusão nas mídias e, com isso, ela se tornou

um dos símbolos da luta feminista em curso na época. Em 1972, a Maratona de Boston passa a aceitar inscrição feminina¹⁶.

Dortier (2016, p. 9) recorda que, se na América a corrida de rua passa por essa ebulição, na Europa esse espírito anticonformista também estava presente: “O suíço Noël Tamini e alguns amigos organizaram uma primeira maratona ‘aberta a todos’”, em 1971, em Neuf-Brissach, na Alsácia. No ano seguinte, ele criou o primeiro 100 km de Millau e foi responsável pelo nascimento do que conhecemos, hoje, por Meia Maratona. É ainda de iniciativa dele a revista de corrida *Spiridon*, que teve seu primeiro número em circulação em 1972. Noël Tamini encarna um espírito da corrida que se contrapõe ao elitismo e aos interesses comerciais e defende que ela deve ser convivial e festiva.

Enquanto o movimento rebelde de 1970 e 1980 proclama rupturas e institui princípios de comportamento relacionados à prática da corrida de rua, a febre do *jogging* se instala, sendo incorporado pelos mais diversos grupos de pessoas mundo afora, ancorada na publicação de sucessos do livro *Jogging*, de Bill Bowerman, lançado em 1967 e escrito em parceria com o cardiologista W.E. Harris.

Ao livro de Bill Bowerman, segue-se a publicação, também de sucesso, *Aerobics*, do Dr Kenneth Cooper. Essas publicações traziam a ideia base de serem a corrida e os exercícios aeróbicos remédios para os problemas cardíacos. Ideia endossada pelas campanhas de saúde impulsionadas pelos governantes, pelas autoridades médicas e pelas mídias. Cooper ainda abarca um outro filão, que é a onda antiestresse, anti-idade e antioxidante, relacionando a corrida e os esportes ao combate do stress e do envelhecimento, sendo fator de bem-estar. Na sequência desses dois personagens, surge James Fixx, cujo livro *The Complete Book of Running* teve um êxito fantástico. Fixx associa a corrida aos benefícios da saúde para “corpo e mente”. Tornou-se celebridade e atribuía à corrida as profundas mudanças na sua vida que lhe proporcionaram bem-estar físico e mental, além de fortuna. Fixx morreu de uma parada cardíaca, em 20 de julho de 1984, aos 52 anos. Outro

¹⁶ “Só em 1984 uma maratona feminina foi organizada nos quadros dos jogos Olímpicos Atenienses” (DORTIER, 2016, p. 94).

personagem a que se refere Dortier (2016), também impulsionador do *jogging* nesse período, é George Sheehan, que tinha sido campeão de corrida na universidade, tornou-se cardiologista e foi cronista da *Runner's World*. Em suas publicações, ele não fala simplesmente de saúde, mas integra dimensões filosóficas, poéticas e até mesmo espirituais. "Seu livro *Running & Being: The total experience* fez de G. Sheehan uma espécie de guru filósofo da 'new age', para quem a corrida não é mais uma questão de saúde, mas de desenvolvimento pessoal. Não se trata mais de uma luta contra o colesterol, mas de um sentido de vida" (DORTIER, 2016, p. 100)

Já o segundo *Running Boom* se compõe de fatores como a diversificação das práticas de corrida, a ampliação da quantidade e tipos de eventos, a pujança da indústria de corrida (que tem nos eventos uma de suas facetas), com incessante inovação na produção e venda de produtos como tênis, vestuários, energizantes, *gadgets*, com a proliferação de revistas e sites dedicados à corrida.

A superação e o "olhar do outro"

Se sua percepção, assim como a minha, é que a Maratona é uma prova que exige muito do(a) atleta, essa percepção contrasta com a capacidade de cada vez mais pessoas estarem disputando essa prova. Coiceiro (2017), no seu trabalho sobre superação de limites do corpo na prática de esportes de alto rendimento e de ultra resistência, fala sobre como a Maratona, desde a sua criação, em 1896, vem sendo percorrida cada vez com menos dificuldade. E, segundo a autora, estamos assistindo à tendência crescente das provas de corrida mais exigentes como "[...]ultramaratonas (corrida acima de 42.195m), as corridas *multiday* (corridas com duração de vários dias, em diferentes condições climáticas e pisos)." (COICEIRO, 2017, p. 213).

Sim, mas a maratona não deixa de ser ainda um grande desafio, principalmente para o grande número de atletas amado-

res que correm por lazer. Ao ler depoimentos de atletas que fizeram sua primeira Maratona, impressiona a condição física em que cruzam a linha de chegada e o pós-prova. O médico brasileiro Dráuzio Varela, adepto e defensor da prática da corrida, narra sua experiência em seu livro *Correr: o exercício, a cidade e o desafio da maratona*:

Quando sentei as dores e a exaustão se tornaram tão insuportáveis que tive vontade de chorar; muita vontade. Só não o fiz por vergonha dos que estavam perto [...] No assento ao lado, um corredor jovem cochilava com a cabeça despencada sobre o tórax. De quando em quando despertava, levava a boca o blusão que segurava, ameaçava vomitar, respirava fundo, endireitava o corpo, olhava para mim, murmurava: 'tá foda'. Pegava no sono, e de novo a cabeça despencava." (VARELLA, 2015, p. 114).

O crescente número de corredores(as) de Maratona pode nos apontar como esse esporte tem sido cada vez mais o lugar onde se vivencia a experiência da superação. Partilhamos a mentalidade de um mundo sem limites. Avançar sempre, ir além, são princípios que estão objetivados na corrida amadora e de lazer que se proliferam em versões menos ou mais radicais. Um grande desafio que, em alguns casos, pode levar o(a) atleta a se avizinhar com a morte. Tal prática se coloca em ultrapassar os limites do corpo como objetivo a ser alcançado. O ilimitado obliterando as restrições. Será o caso aqui de, como chama a atenção Scruton (2016), de um otimismo inescrupuloso, que não leva em conta o custo do fracasso ou não imagina a pior das hipóteses?

Retomo aqui as considerações sobre o espírito que se instaurou com o movimento encabeçado por Lebow, na década de 1970, no âmbito da corrida de rua — *"you dit it"*. Para quem corre, para quem se interessa pelas revistas e sites de corrida que se proliferam acompanhando e alimentando o fenômeno, para quem participa e acompanha eventos dessa prática esportiva — que também ganhou uma profusão enorme nesses últimos anos — sabe

o sentido e já encarnou o espírito do “*you dit it*”. Trata-se de uma subjetivação dos discursos e modos de proceder, difundidos no processo de desenvolvimento do esporte moderno. Já me referi a isso com base em Vigarello (2008), em trabalhos anteriores¹⁷, que nos fala sobre como as aprendizagens, vinculadas ao exercício, ao esporte, vão convergir com os projetos de desenvolvimento pessoal. Com o treinamento, trabalha-se não apenas a musculatura e movimentos, mas também se realiza um trabalho sobre o sensível, sobre o íntimo. Fala-se, então, em realizar-se, superar-se, através do esporte.

Coiceiro (2017) chama a atenção para a palavra superação como marca constante na narrativa dos atletas das modalidades que exigem uma ultra resistência. Mas não podemos deixar de destacar que a noção de “superação”, e sua expressão nas narrativas, não é de domínio exclusivo de superatletas. Entre os praticantes de corrida de rua, a superação se encontra disseminada entre aqueles que estão iniciando sua jornada, como bem mostra Queval na sua obra *Realizar-se ou se superar: ensaio sobre o esporte contemporâneo*.

Se a condição de se superar é central na experiência dos(as) corredores(as), e trata-se de “uma corrida com (ou contra?) você mesmo”, temos um outro elemento: o olhar do outro que pode ser concebido como uma alavanca na trajetória do(a) corredor(a). Os eventos, seja uma Maratona, ou uma corrida de 10 km, 5 km são *lócus* que expõem corredores de todos os níveis ao olhar do outro — o estranho, a família, os amigos, nossos companheiros de grupo. É sob os gritos “Vai, você consegue!”, “Está chegando!” “Força, vai! vai!...” e aplausos que se cruza a linha de chegada. Combina-se ao olhar do outro a ânsia de superar-se.

Quando pertencemos a um grupo de corrida, vivenciamos a experiência de ser acompanhados pelo outro que nos incentiva a ir mais longe e mais rápido. Recebemos congratulações, nossa performance é vista e reconhecida. Colhemos o louro e nos sentimos melhores, mais realizados. Sem falar nas rivalidades, das dis-

¹⁷ Ver nota de rodapé número 3 neste trabalho.

putas veladas ou explícitas com os companheiros(as) de corrida, que alimentam nossa busca de reconhecimento. Dortier (2016) salienta que a prática da corrida em grupo é estimulante, pois aí os indivíduos se encontram em presença de rivais, de companhia, de uma série de pequenas obrigações e de estímulos. A inserção em um grupo, seja um grupo informal, seja um clube, seja uma associação é a opção que se nos apresenta para lutar contra uma condição bem conhecida por aqueles que correm, que é aquela falta de vontade, de ânimo, que nos acomete e nos faz desistir de treinar.

São múltiplos os fatores que se pode agregar sob “o olhar do outro” que são incentivos a permanecer correndo, desejando superar os desafios. E o olhar do outro, claro, não é o único modo sob o qual a sociedade age sobre nós, mas é mais um entre muitos modos. Também lembro que nem todos aqueles que decidiram, em algum momento da sua vida, começar a correr, permaneceram correndo. Começar não significa permanecer. Muitos abandonam a carreira de corredor no início, ou depois de algum tempo, outros permanecem por muitos e muitos anos. Como compreender isso? Como dar conta das forças que movem o desejo de superação que impulsiona corredores(as)? Assim como Dortier, acredito que algumas respostas podem ser encontradas ao se “Observar de perto os corredores, seus primeiros passos, depois seu processo de engajamento na corrida pode fazer aparecer um feixe de ligações, de forças de atração e repulsão que dão vida a um movimento social.” (DORTIER, 2016, p. 177). Tema que merece atenção.

Para finalizar, destaco que as discussões apresentadas até aqui indicam que os grupos de corrida são espaços potencializadores da corrida de rua, uma prática esportiva tão presente neste século 21.

Referências

COCEIRO, G. **No limite**: o imaginário de aventureiros do extremo. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2017. Edição Kindle.

CORRERPORPRAZER. Disponível em <http://www.correrporprazer.com>. Acesso em: 20 dez. 2019.

DORTIER, J-F. D. **Après quoi tu cours?** *Enquête sur la nature humaine*. Editions Sciences Humaines, 2016.

GARCIA, R. M. Proença. **A corrida da origem a nossos dias**: estudo sobre a evolução do conceito e do valor da corrida através dos tempos. 1990. Dissertação – Faculdade de Ciências do Desporto e de educação Física. Universidade do Porto, Porto, 1990 local.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 1989.

MARATONAPORTO. Disponível em: <http://www.maratonaporto.com>. Acesso em: 19 dez. 2019.

PORTORUNNERS. Disponível em: <http://www.portorunners.net>. Acesso em: 20 dez. 2019.

QUEVAL, I. **Realizar-se ou se superar**: ensaio sobre o esporte contemporâneo. Tradução Elza Marques Lisboa de Freitas. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

RECUERO, R. **Introdução à análise das redes sociais online**. Salvador: EDUFBA, 2017.

RUNPORTO. Disponível em: <http://www.runporto.com>. Acesso em: 20 dez. 2019.

SCRUTON, R. **As vantagens do pessimismo e o perigo da falsa esperança**. São Paulo: É realizações Editora, 2016. Edição Kindle.

VIGARELLO, G. Treinar. *In*: CORBIN, A; COURTINE, J. J; VIGARELLO, G. **História do corpo**: as mutações do olhar. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Direção de Jean Jacques Courtine. Petrópolis: Vozes, 2011. V. 3.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.